THIAGO VINÍCIUS DOS ANJOS ARAUJO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.94-99>

“Thiago anjos: para além do *lattes*”

“Tenho sonhos coloridos que me trazem alegria, sou pequeno, mas sou grande um pouco a cada dia”

(Autor desconhecido. Frase da minha placa na Formatura do ABC)

Falarei aqui um pouco da minha curta trajetória acadêmica, que justifica como encontrei gosto pelos estudos e como acredito que a educação seja fator essencial na construção de uma nova humanidade. Mas quem sou eu além do *lattes*? Como falar do Thiago acadêmico sem falar do Thiago pessoa, jovem, criança, negro, gay, criado por mulheres, que ama pizza, chora assistindo “A Hora da Estrela” e sonha em conhecer Lady Gaga? É por esse Thiago que vamos começar!

Antes de eu existir neste corpo de 1,76m e 94kg, veio o corpo da minha mãe, Dona Luiza. E, sobre ela, tenho muito a falar, mas, por hoje, falarei apenas que foi uma jovem que desde cedo teve que encarar a dura realidade de um mundo desigual. Ganhou a vida como autônoma, trabalhando desde criança, lavando covas, fazendo faxina, plantando e vendendo quiabo, até que numa ida ao centro encontrou a oportunidade de trabalhar vendendo livros pedagógicos em faculdades e escolas.

Embora com as dificuldades de uma alfabetização deficiente, o contato com esse tipo de leitura fez com que valorizasse a Educação. E, conhecendo mainha, não é de se espantar que, ainda grávida, comprou minha primeira coleção de livros (que tenho até hoje). Temas e Toques, 16 livros infanto-juvenis. E mesmo com o cansaço de uma trabalhadora informal que vai de Cajueiro Seco ao Santo Amaro cheia com caixotes, ela sempre leu para mim, desde a barriga; daí, já nasci fascinado pelas histórias. *“A letra A vivia a andar, anda aqui, anda acolá...”*. Repassando os relatos que só uma geminiana consegue contar, reza a lenda que aos 2 anos eu já lia e pedia para qualquer pessoa que passasse na rua: “leia!”.

Na minha primeira aula na escolinha, minha mãe, toda coruja e encantada com a sala de aula que nunca pode ter, ficou na espia para ver se eu iria estranhar o novo espaço. Minha reação: “vai embora pra casa comer teu cuscuz!”. Desse jeito, não teve outra escolha a não ser voltar com o coração na mão, pois, nessas alturas, não tinha volta: a escola era meu lugar.

Ano seguinte entro oficialmente no Fundamental. Nessa pequena escola particular da Várzea - o melhor cantinho da cidade, bairro onde orgulhosamente moro desde que nasci - eu passaria grande parte da primeira metade da minha vida até aqui. Fui um aluno que recebia reclamações por conversar demais, que se envolveu em poucas brigas, que discuti com a professora da terceira série, que amava as feiras de ciências, que o apelido na condução era Risadinha, risadinha que já o fez ter uma crise de riso e perder pontos na prova de Inglês - e ainda bem que tinha gabaritado.

Ainda criança tive muito interesse pela área da História, Linguagens e Biologia, pois buscava entender o surgimento da humanidade e por que ela era - e é - tão diferente. Evolução Humana, Pirâmides do Egito, Sistema Digestório, a existência de Deus, o grande Universo... Esses assuntos tomaram minha cabeça logo cedo. Meu lazer? Espaço Ciência e Livraria Cultura. Programação da TV? Além do horário marcado de Floribella, contava com muitos experimentos do extinto ‘X-Tudo’, ‘Cosmos’, ‘Pequenas Empresas, Grandes Negócios’ e ‘Telecurso 2000’. Com isso, não é de se espantar que já aos 9 anos eu faria meus primeiros processos seletivos, porém é aquele ditado: aprovação ok, mas a classificação ficou com Deus. E que bom que não rolou, porque, apesar de marcado pelo bullying que só uma criança gorda e afeminada entenderia, meu

tempo na escola “normal” foi fundamental para entender que era preciso mudá-la, que era preciso ser diferente.

Já na minha pré-adolescência, aos 13 anos, faço novamente vestibular, desta vez para o IFPE, o famoso ‘Edificações 1ª Entrada’. Resultado: remanejamento. E eu poderia ter escolhido qualquer outro curso e teria passado, mas não, aquele Universo que tanto me trouxe tantas dúvidas queria outra coisa: o SESI. Lá passei um ano e tive meu primeiro contato com uma escola grande, integral. Conheci a Filosofia, Física, Sociologia e, em certa forma, a Extensão, com o Programa Jovem Ambiental. Essa experiência rendeu meu primeiro certificado em evento, onde passei o dia inteiro em pé apresentando para centenas de pessoas, e, depois disso, nunca mais fui o mesmo.

Em 2015, reinicio o Ensino Médio no IFPE Recife, agora em Química Industrial. Eu estava finalmente na Federal que minha mãe sempre disse que eu entraria! Minha vida vira de ponta-cabeça e começa uma nova descoberta interna, acadêmica, emocional e por aí vai...

Ao ler o livro “Cultura: um conceito antropológico” para uma aula de Sociologia - não é de se espantar que fui o único aluno que leu o livro todo-, encontro respostas (e mais questionamentos) para as curiosidades que eu arrastava desde criança e me encanto. Desde então, somado à militância em movimentos, entidades estudantis e ocupações, pude entender na prática o papel da educação como instrumento de transformação.

Ainda no IFPE, atuei na condição de representante estudantil no desenvolvimento da pesquisa “Sentidos e Significados do Projeto Político Pedagógico Institucional para a comunidade do IFPE”; participei do grupo “Convenção de Beberibe”, que chegou na 4ª fase da Olimpíada Nacional em História do Brasil, projeto de extensão da UNICAMP. Ainda antes de iniciar minhas aulas na graduação, atuei como monitor das disciplinas de Sociologia.

Porém, meu maior contato com a pesquisa veio de um dos meus terrores: a Matemática. Fui por dois anos pesquisador extensionista, com planos de atividades atrelados ao ensino e a importância da ludicidade no ensino das Geometrias, a fim de ressignificar o espaço de construção dos conhecimentos. Como desdobramentos, pude

publicar e apresentar trabalhos, o que me proporcionou o autorreconhecimento enquanto pesquisador e educador.

Nesse meio tempo, como bom libriano que sou, pensei muito sobre qual profissão seguir. Se, de um lado, eu tinha a docência, do outro, tinha o amor pelas pessoas e a vontade de entender como a mente humana funciona. A grande dúvida era: Psicologia, Pedagogia, História, Serviço Social... Nos últimos minutos de um Domingo de prévias de Carnaval, selecionei a Licenciatura em Ciências Sociais na UFPE, um curso que me permitiria entender as facetas humanas e estudar sobre meus anseios sociais, me entender como sujeito nos grupos que estou inserido e, de quebra, fazer tudo isso no espaço que mais amo: a escola, sendo professor, com o propósito de inspirar um aluno de cada vez, em contato com jovens que se sentem como eu já me senti, cheios de dúvidas e sonhos.

Embora recém-licenciando, integro o PET Gestão Político-Pedagógica e o PROi-Digital, programas da UFPE, e estagio na Prefeitura do Recife, no projeto Habilidades Socioemocionais, que é um verdadeiro encontro, pois sinto que, através do que faço, consigo acessar os alunos num lugar bem maior que os conteúdos básicos possibilitam, englobando, acima de tudo, o ser humano, suas dimensões e sentimentos, Espiritualidade e Educação.

Mas e como eu parei aqui no Memorial PDV?

Então, em 2019, estava eu procurando, na relação de aprovados, o projeto de um amigo para saber o resultado e, logo em cima, tinha um título que me chamou muita atenção pois falava de um tal “despertar vocações”. Fiquei pensativo, achei interessante e quis saber mais, daí procurei o currículo do professor, enviei um e-mail e me ofereci a conhecer o projeto. Dias depois fui convidado à reunião. Todo nervoso, levei uma amiga no meio das férias para a sala F-24. Lá, conheci o grande Prof. Erick e fiquei fascinado com a atenção e carinho que recebi, parecia até que eu era o seu primeiro aluno com a tamanha empolgação. Ao lado dele, vários jovens falando de seus projetos, Robótica, Arduino, SNCT, COINTER... Desafio aceito!

Membro do PDV. Próximo passo: profa. Kilma. Depois de uma reunião, lá estava ela à minha espera. Tivemos uma conversa - frente-a-frente, olho-no-olho - sobre nossas

motivações em seguir a carreira docente, em que várias coisas passaram na minha cabeça; e ver o brilho no olhar de uma educadora tão experiente me fez sair da reunião feliz. Com esse entusiasmo, participei da minha primeira atividade real oficial do PDV, uma oficina que mudou minha vida (a saber, “A importância do cuidado de si”), pois, além de conhecer uma grande amiga, com quem pude trabalhar, aprender e confiar (depois de todo o estresse nas preparações), pude fazer reflexões profundas que reverberaram na minha prática humana, gentil e conectada a uma visão maior sobre o mundo.

Por fim, passei pela grande prova: o COINTER, que alguns dizem ter acontecido em dezembro, mas cheguei à conclusão que, na verdade, começou bem antes. E quando falo antes, não é só o antes das reuniões nem dos prazos de submissões. Vem antes mesmo da sua primeira edição. Antes do próprio PDV. Pois percebi que esse congresso é mais do que uma reunião acadêmica cheia de estudantes querendo certificados. O COINTER é uma ideia, uma filosofia; é acreditar no poder das pessoas e na sua capacidade de se mobilizar em prol de um projeto de sonhos coletivos, com uma proposta muito nobre. E “despertar vocações” é resistir, é sonhar, é inspirar, compartilhar, pela pesquisa, ensino e extensão, mas principalmente pela prática coerente e verdadeira.

Compartilhei algumas experiências que me conduziram aos caminhos da educação, onde me realizo, me questiono e me desafio diariamente. Gostaria de agradecer ao Universo, por fazer parte de mim e me permitir acreditar. Ao meu gato verde Guilherme, que me protege e me aninha. A todos os meus amores, amigos e colegas de trabalho, às músicas que me acompanham, às minhas mais engraçadas, tristes e confusas experiências, obrigado por tudo.

E, mainha, essa é por tudo! Pelas férias apagando os livros do professor até fazer calo porque o original era caro. Pelos dias acordando às 5:50 batendo as panelas. Por todas as noites pedalando bicicleta na chuva voltando pra casa. Pelos reforços, pelo Estudante Nota 10, por dizer que eu era capaz. Você sempre foi minha maior educadora e maior inspiração!

Agradeço aqui, em nome de todos os professores que tive, da prof. Flávia ao prof. Perrusi, de Mauricéia ao prof. Ivon, da prof. Silvana a prof. Lialda, e com muito carinho agradeço à profa. Kilma e ao prof. Erik, que se tornaram duas grandes inspirações para mim sobre o que é ser educador. Saibam que essa responsabilidade que abraçaram é transformadora e nos dá esperanças.

IIDV, gratidão por despertar todas as vocações! Vocês são tudo pra mim!